Crítica // O ser querido ★★★

Assim na tela como na vida

Ricardo Daehn

SYNAPSE / DISTRIBUIÇÃO



O drama *O ser querido* trata de vida e arte, para além de relações humanas

Uma habilidosa capacidade de reaproximação, num terreno emocional minado, embala toda a trama do mais novo filme do espanhol Rodrigo Sorogoyen, novamente desenvolvido ao lado da obra da roteirista Isabel Peña (colaboradora dele em longas como As bestas). Competiu ao festival de Cannes este caso de problemáticas entre um pai e a filha, distanciados por longos anos. Esteban Martínez (Javier Bardem, indicado ao European Film Awards) e Emilia Vera (Victoria Luengo) são, respectivamente, cineasta e atriz. O encontro se dará num set de filmagens de uma produção ambientada no Saara, à época da extrema dominação colonial espanhola.

Depois de tratar de política e poder, em *O candidato*; do caos das reivindicações na rua, sob a mirada de protestos (em *Que Dios nos perdone*), e ainda explicitar o amor maternal, em Madre, será a vez de, com atuações mais do que convincentes, Sorogoyen explorar um campo intimista, com camadas de polpudos dramas. Ensaiando uma harmonia, pesa, ainda, a tensa atmosfera entre Esteban e Emilia. Marcado num restaurante, o incial contato de ambos desenha exímio exemplo de uma descoberta (aos olhos do espectador) de dois personagens.

Numa cena, a da sutileza de um toque de encorajamento por parte do cineasta Esteban, Rodrigo Sorogoyen confirma o ajuste de saber ver e revelar "o outro". O filme revela o tênue equilíbrio entre a autoridade (do cineasta da ficção) que, na real, vem dissovida pela lacuna de responsabilidade, no passado (enquanto, na vida real, não acolheu a filha). A consciência da falha no passado dificulta o contato e a redescoberta de Emilia, e tudo ainda vem com nítidos limites (nas precauções dela). Uma das melhores cenas surge quando, o diretor (posto à prova dada a falta de concentração no set) "ensina" a atriz (e filha) como se portar à mesa.

O funcional longa ganha o reforço, para além da direção de fotografia de Alex de Pablo, dos coadjuvantes Marina Foïs (no papel da produtora e cúmplice de Esteban, dada a parceira de longos anos em vida de cinema) e de Raúl Arévalo (dos filmes de Almodóvar como *Os amantes passageiros* e *Dor e glória*).

